

O PROJETO ATLAS LINGUÍSTICO DO AMAPÁ (ALAP): CAMINHOS PERCORRIDOS E ESTÁGIO ATUAL

Abdelhak RAZKY*
Celeste RIBEIRO**
Romário SANCHES***

- RESUMO: O campo da dialetologia, com foco no método geolinguístico, tem crescido muito no Brasil, está presente e representado em todos os Estados da Federação e com uma projeção bastante significativa. Neste contexto se insere o Projeto Atlas Linguístico do Amapá (ALAP). O objetivo principal deste artigo é mostrar a trajetória do Projeto ALAP e os seus primeiros resultados. O projeto adotou o método geolinguístico (CARDOSO, 2010) e foi desenvolvido a partir de três etapas: 1ª) formação e treinamento dos membros do grupo de pesquisa; 2ª) realização dos inquéritos experimentais, treinamento para transcrição fonética, execução da pesquisa *in loco* (aplicação dos questionários fonético-fonológico e semântico-lexical), com a localização de 40 informantes distribuídos em 10 pontos de inquéritos; 3ª) revisão das transcrições fonéticas, confecção das cartas e mapeamento dos dados registrados, tendo em vista a sistematização, organização e publicação dos resultados. Atualmente, o Projeto ALAP busca apoio financeiro para sua publicação, que prevê cerca de 100 cartas linguísticas distribuídas em cartas fonéticas e lexicais.
- PALAVRAS-CHAVE: Dialetologia. Geolinguística. Atlas. Amapá.

Introdução

É inegável a expansão dos estudos dialetológicos e geolinguístico pelo Brasil e é certo também que ainda há muito a percorrer. Se se tomam como base duas décadas atrás, verifica-se o quanto as áreas da Sociolinguística e da Dialetologia avançaram por meio de estudos e pesquisas em todo o País. Sem dúvida o lançamento do Projeto Atlas

* Universidade Federal do Pará (UFPA), Belém – Pará – Brasil. Professor no Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade de Brasília (UnB), Campus Universitário Darcy Ribeiro, Brasília – BSB – Brasil. Professor associado do Departamento de Línguas Estrangeira e Tradução. arazky@gmail.com.

** Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), Macapá – Amapá – Brasil. Professora do Departamento de Letras e Artes. celribeiro042002@gmail.com.

*** Universidade Federal do Pará (UFPA), Belém – Pará – Brasil. Doutorando em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Letras. romariodsanches@gmail.com.

Linguístico do Brasil – Projeto ALiB, em 1996, foi um dos feitos que contribuíram significativamente para impulsionar esses estudos.

Desde a publicação do primeiro atlas linguístico em 1963, o Atlas Prévio dos Falares Baianos, até os dias atuais, já totalizam 12 atlas, incluindo os dois primeiros volumes do ALiB, lançados em 2014. Parece pouco se se toma a dimensão temporal, mas, considerando as dificuldades financeiras, a falta de recursos humanos especializados e de interesse dos acadêmicos por esse tipo de pesquisa e, principalmente, a grande burocracia nas Instituições de ensino e agências de fomento para subvencionar pesquisa científica em nosso país, certamente é um grande avanço, dadas as adversidades e peculiaridades que a produção de um atlas requer.

Esse crescimento reflete-se ainda no grande número de atlas regionais que estão em execução, em média uns 15 projetos, na vasta diversidade de lançamentos bibliográficos e midiáticos e inúmeros projetos de pesquisa em âmbito de graduação e pós-graduação que são anualmente produzidos e publicados em todo o país. Assim, a área da dialetologia tem crescido muito no Brasil, está presente e representada em todos os Estados da Federação e com uma projeção bastante significativa. É inserido nesse contexto de surgimento e expansão que se encontra o Projeto ALAP.

A trajetória do Projeto ALAP

O Projeto ALAP teve suas bases lançadas em 2010, vinculado ao grupo de pesquisa ALAP, da Universidade Federal do Amapá – UNIFAP, agregando estudantes e professores do curso de Letras desta Instituição e também da Universidade Federal do Pará – UFPA, visto que se encontra sob a coordenação dos professores Abdelhak Razky (UFPA) e Celeste Ribeiro (UNIFAP). A semente foi lançada em 2008, em decorrência das orientações e registros de aulas ministradas pelo professor Razky durante o curso de mestrado na UFPA e que culminou na dissertação acerca do comportamento da variável (r) pós-vocálica medial nos Estados do Pará e Amapá, a partir dos dados coletados para o Atlas Linguístico do Brasil – ALiB, defendida por Celeste em 2008. Daí surgia o grupo de pesquisa ALAP registrado no Departamento de Pesquisa da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação/UNIFAP e vinculado ao Diretório de Grupos de Pesquisa da Plataforma Lattes. Pelo fato de a área de estudos sociolinguísticos variacionistas ser quase inexistente, em termos de estudos e pesquisas, na referida Instituição, o grupo inicialmente limitou-se à realização de leituras e estudos teórico-metodológicos a fim de ampliar e dar base sólida aos pesquisadores, fornecendo-lhes uma visão clara e consistente sobre o trabalho que iriam desenvolver, ou seja, a produção de um atlas linguístico.

Dessa forma, o Projeto ALAP tem como principal objetivo a descrição e o mapeamento do português brasileiro falado em 10 localidades do Estado do Amapá, procurando evidenciar as variedades linguísticas voltadas aos aspectos fonético-fonológicos e semântico-lexicais característicos de cada localidade. Vale ressaltar que

os atlas linguísticos constituem o principal mecanismo de divulgação e conhecimento da realidade linguística de uma localidade, através das manifestações da língua em seus diferentes níveis. Por isso apresentam grande relevância científico-social no âmbito universitário e na sociedade como um todo.

É bom lembrar também que os atlas linguísticos não devem ser vistos apenas como uma forma de documentar e registrar a língua, nos moldes ditados somente pelos linguistas, mas precisam ser considerados também como recurso de ensino e aprendizagem da língua materna, pois refletem a diversidade e a heterogeneidade dialetal, concretizadas em diversas situações comunicativas, de diferentes campos linguísticos.

Sobre o Amapá

De acordo com os dados do IBGE (2016), o Estado possui uma extensão de 142.828,521 km², onde, atualmente, habitam cerca 750.000 pessoas, distribuídas em 16 municípios. Tem como limites o Estado do Pará, a Oeste e Sul; a Guiana Francesa ao Norte; o Oceano Atlântico a Leste; e o Suriname a Noroeste.

Historicamente, a incorporação do Amapá ao Brasil começa em 1901, com o *Lauda Suíço*. A Suíça atuou como árbitro entre as disputas territoriais e diplomáticas entre França e Brasil. Ao final, foi decidido que o Brasil teria soberania sobre o Território contestado. Para Nunes Filho (2009), essas disputas são características comuns das raízes da formação amazônica. Outros fatores também referentes a essa formação foram a descoberta de ouro e a extração da borracha na região, os quais geraram grande fluxo migratório.

Até 1988, o Amapá esteve na condição de Território Federal, quando, por meio da Constituição Brasileira, foi elevado a Estado. Segundo Andrade (2005), essa transformação do então Território em Estado possibilitou novas oportunidades de trabalho e emprego o que influenciou o aumento do contingente populacional no Estado. Ainda segundo esse autor, desde os anos 1990, a dinâmica migratória vem sendo expressiva no Estado, principalmente por migrantes oriundos dos Estados do Pará e Maranhão.

Metodologia

O Projeto ALAP vem se desenvolvendo, estritamente, sob o método geolinguístico (CARDOSO, 2010) tomando como referência o Projeto Atlas Linguístico do Brasil (CARDOSO et al., 2014) e, conseqüentemente, adotando os pressupostos da dialetologia pluridimensional e da geolinguística. O ALAP é um atlas pluridimensional, pois apresenta aspectos da variação diatópica e diastrática, nesta última buscou-se controlar as variáveis idade e sexo dos falantes. A coleta de dados para a composição do *corpus*

foi realizada entre 2012 e 2014, por professores e acadêmicos do curso de Letras da Universidade Federal do Amapá – UNIFAP que integram o grupo de pesquisa ALAP. Mas vale destacar que em 2011 realizaram-se alguns inquéritos experimentais como forma de treinamento para os acadêmicos que iriam atuar como inquiridores.

O Projeto ALAP vem se desenvolvendo em três etapas:

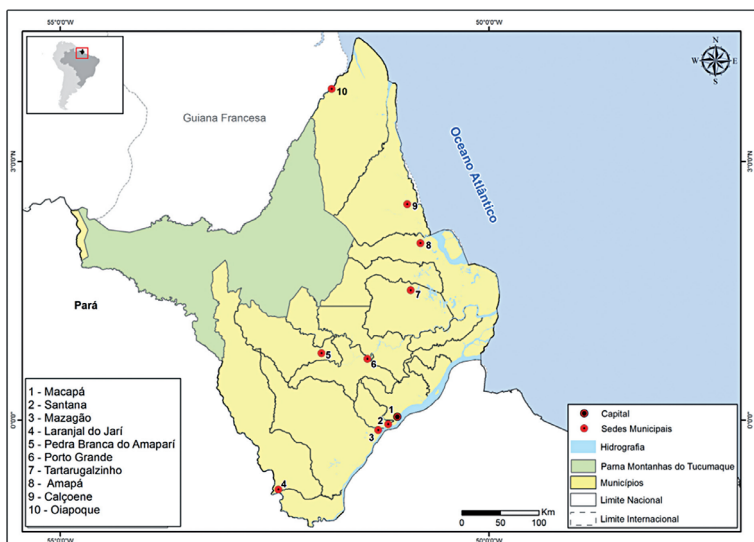
- 1ª etapa: realizou-se a formação e treinamento dos membros do grupo;
- 2ª etapa: foram realizados os inquéritos experimentais, o treinamento para transcrição fonética, a aplicação da pesquisa *in loco* (questionários fonético-fonológico e semântico-lexical), com a localização de 40 informantes distribuídos em 10 pontos de inquéritos;
- 3ª etapa: foram feitas a revisão das transcrições fonéticas, a confecção das cartas e o mapeamento dos dados registrados, tendo em vista a sistematização, organização e publicação dos resultados.

Seleção dos pontos de inquéritos

O Amapá possui 16 municípios, mas a seleção da rede de pontos seguiu a tradição da Dialetoлогия. Assim, foram selecionados somente 10 municípios, considerando a densidade demográfica e populacional, *a priori*, além de critérios históricos (tempo de origem), econômicos e socioculturais.

Os pontos fixados foram: (01) Macapá, (02) Santana, (03) Mazagão, (04) Laranjal do Jarí, (05) Pedra Branca do Amapari, (06) Porto Grande, (07) Tartarugalzinho, (08) Amapá, (09) Calçoene e (10) Oiapoque. A seguir, a figura 01 mostra esses pontos, de acordo com a localização geográfica de cada um.

Figura 01 – Rede de Pontos do ALAP



Fonte: Razky, Ribeiro e Sanches (2017, p. 53).

Perfil dos informantes

Foram selecionados 40 informantes, sendo 04 por localidade, estratificados em idade, sexo e escolaridade. Compõem a amostra: 04 falantes – 1 homem e 1 mulher de 18 a 30 anos; 1 homem e 1 mulher de 50 a 75 anos. Também foram considerados os seguintes critérios: a) ter nascido no município; b) ser filho de pais nascidos na região; c) não ter morado em outro Estado ou Região por mais de um ano; d) ter nível de instrução escolar variando de analfabeto ao Ensino Fundamental completo; e) possuir boas condições de saúde e de fonação; e f) ter disponibilidade para a entrevista.

Questionários de coleta de dados

Os dados originaram-se dos questionários fonético-fonológico (QFF) e semântico-lexical (QSL) propostos pela equipe do Projeto ALiB (2001); o QFF é composto por 159 questões fechadas e o QSL por 202 perguntas distribuídas em 22 campos semânticos, com perguntas abertas. Totalizam quase 400 questionamentos que, em geral, costumam ser realizados em um tempo médio de 2 a 3 horas, pois depende muito do comportamento e disponibilidade de cada entrevistado, visto que em alguns inquiridos ele se apresenta tímido, indiferente e de pouca elocução e, por outro lado, há aquele que se mostra eloquente, espontâneo e muito participativo. Pelo que se observou na fala dos 40 informantes que participaram das entrevistas, os participantes da segunda faixa etária foram os que se mostraram mais receptivos, espontâneos, dispostos e, conseqüentemente, tomaram os inquiridos mais longos.

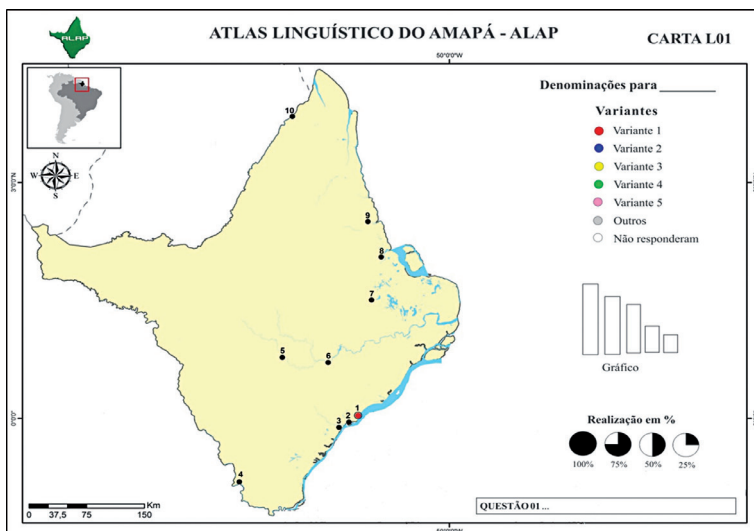
Inquiridores

A equipe do Projeto ALAP é constituída pela professores Celeste Ribeiro (UNIFAP) e pelo professor Abdelhak Razky (UFPA), ambos coordenadores do projeto; professor Romário Sanches (UFPA/UEPA), professora Doraci Guedes; professora Aldenice Couto (UNIFAP) e os acadêmicos de letras (UNIFAP) à época de lançamento do projeto; e, atualmente, professores da rede de ensino básico do Amapá: Monique Jacques, Jeffer Gonçalves, Francisco Tiago Meirelles, Natália Almeida, Hanna Line, Veg Andrade, Elicelma Sena, Maria Cristina Amaral, Sarah Cristina Gibson.

Elaboração das cartas linguísticas

Sabe-se que atualmente, por meio da arte cartográfica, a Dialectologia moderna dispõe de um conjunto de técnicas denominado de cartografia linguística e, por meio do processo cartográfico, são elaboradas as cartas ou mapas que constituem um atlas linguístico. Assim, para a produção das cartas linguísticas que compõem o atlas do Amapá, foi elaborada uma base cartográfica produzida por uma especialista da área. Inicialmente, foi feito um leiaute da carta-base indicando as posições de cada elemento que seria inserido na carta, o que resultou na carta-base do ALAP, na qual se registram informações geográficas e linguísticas. Para as informações de cunho geográfico, constam: escala, orientação geográfica, um mapa de localização da área em relação ao Continente Latino-Americano, ao Brasil, ao Estado e aos Municípios. Para as de cunho linguístico, constam: título do atlas, número da carta, tipo de pergunta, pontos pesquisados e organização dos itens linguísticos e suas ocorrências. Segue exemplo dessa carta-base.

Figura 02 – Carta-base lexical do ALAP



Fonte: Razky, Ribeiro e Sanches (2017, p. 42).

Para a leitura das cartas linguísticas fonéticas e lexicais, será adotado o seguinte esquema de convenções:

a) do lado superior à direita, ao lado do título, indica-se o número da carta, que será representado por uma letra marcando o domínio linguístico estudado – seja ele fonético ou lexical – e o número da questão. Por exemplo, *CARTA L01*, a letra L indica que é uma carta lexical e 01 refere-se à sequência dos itens lexicais; *CARTA F01*, a letra F indica que é uma carta fonética e 01 refere-se à sequência dos fenômenos fonéticos;

b) do lado superior à direita, abaixo do título, serão elencadas as variantes mais recorrentes, com a transcrição ortográfica. Para a simplificação da leitura dos dados, serão delimitadas apenas as cinco variantes mais recorrentes com suas respectivas cores em forma de círculos; a ordem das cores indica a ordem das ocorrências (da variante mais para a menos produtiva). As cores foram selecionadas de acordo com o sistema RGB¹ (sistema de cores), e com base no *Atlas Linguístico do Brasil*. No caso das variantes pouco produtivas, agrupadas em *Outras* e *Não responderam*, serão visualizadas por meio de uma tabela exibida no verso da carta, mostrando todas as variantes mapeadas e não mapeadas:

¹ RGB é um sistema de cores aditivo que representa a mistura de luz, em oposição ao subtrativo CMYK, que representa mistura de pigmentos. O nome RGB é uma sigla formada das iniciais dos nomes das suas cores primárias: *red* (vermelho), *green* (verde) e *blue* (azul). No sistema RGB, cada cor é definida pela quantidade de vermelho, verde e azul que a compõe.

Tabela 01 - Cores para cartas lexicais, até 5 variantes (RGB)

CORES	R	G	B
1	255	0	0
2	0	0	255
3	255	255	0
4	0	200	0
5	248	150	201
Outras	204	204	204
Não responderam	255	255	255

Fonte: Razky, Ribeiro e Sanches (2017, p. 43).

No caso das variantes pouco produtivas, agrupadas em *outras* e nas *não respostas*, serão visualizadas por meio de uma tabela exibida no verso da carta, mostrando todas as variantes mapeadas e não mapeadas.

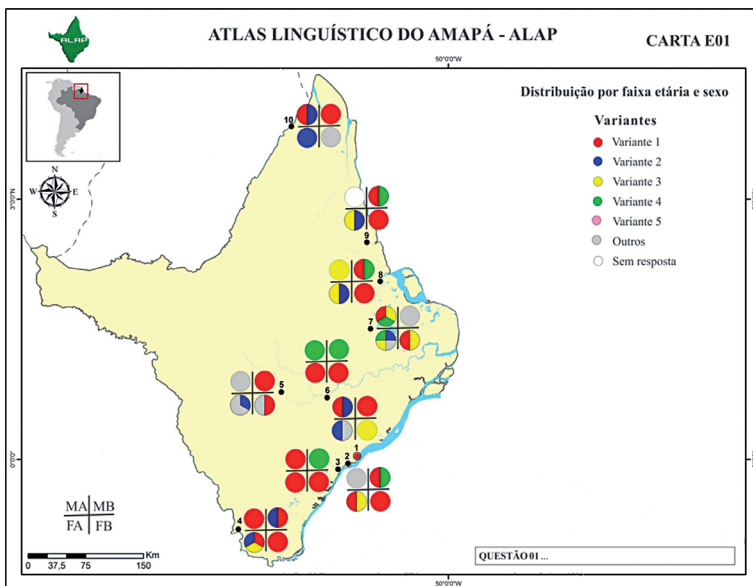
c) abaixo das variantes elencadas encontram-se os gráficos mostrando as porcentagens correspondentes às ocorrências de cada variante em todos os pontos de inquéritos, e mais abaixo representamos a realização em porcentagem por meio dos gráficos em formato de pizza (de 25% a 100%).

d) ainda do lado inferior à direita, constarão as respectivas perguntas com a numeração referente ao questionário aplicado;

e) no centro da carta, apresenta-se o mapa do Amapá com os 10 pontos de inquéritos, (cf. fig. 01).

Já para a leitura das cartas estratificadas apresentamos uma organização dos dados com base na cruz de estratificação, como mostra a figura seguir:

Figura 03 – Carta-base estratificada do ALAP



Fonte: Razky, Ribeiro e Sanches (2017, p. 44).

a) do lado superior à direita, ao lado do título, indica-se o número da carta que será representado pela letra E (estratificada) e o número da questão. Por exemplo, *CARTA E01*, a letra E indica que é uma carta estratificada (pluridimensional) e 01 refere-se à seqüência dos itens lexicais. Destaca-se que nas cartas estratificadas só foram mapeados os itens lexicais;

b) do lado superior à direita, abaixo do título, serão elencadas as variantes mais recorrentes, com a transcrição ortográfica. Para a simplificação da leitura dos dados serão delimitadas apenas as cinco variantes mais recorrentes com suas respectivas cores (conforme apresentado na leitura das cartas lexicais e fonéticas);

c) abaixo das variantes elencadas, do lado inferior à direita, encontram-se as respectivas perguntas com a numeração referente ao questionário aplicado;

d) do lado inferior à esquerda, apresenta-se a cruz de estratificação com as seguintes convenções: MA indica o informante do sexo masculino (M) e da primeira faixa etária (A); FA indica a informante do sexo feminino (F) e da primeira faixa etária (A); MB indica o informante do sexo masculino (M) e da segunda faixa etária (B); FB indica a informante do sexo feminino (F) e da segunda faixa etária (B);

e) no centro da carta, apresenta-se o mapa do Amapá com os 10 pontos de inquéritos (cf. fig. 01) e a distribuição das variantes de acordo com a idade o sexo dos falantes. Por exemplo, no ponto 01 (Macapá), a cruz de estratificação mostra que o informante MA conhece as variantes 01 e 02; no caso de FA, esta produziu a variante 2 e outras; MB conhece a variante 01 e FB a variante 03. E assim segue a leitura dos demais pontos de inquéritos.

Procedimentos para o tratamento dos dados

Os dados coletados seguem os parâmetros e as orientações do Comitê Nacional do ALiB (2001). Após as gravações em áudio, foram adotados os seguintes procedimentos para o tratamento dos dados:

a) arquivamento de todas as entrevistas gravadas em formato MP3, em pastas correspondentes aos pontos de inquéritos e aos informantes. Utilizou-se a convenção de símbolos para representar os pontos e os informantes. Segue abaixo a tabela exemplificando com o ponto (01) Macapá:

Tabela 02 – Convenção de símbolos para o arquivamento dos dados

01AHF	01BMF
01 = Localidade (Macapá)	01 = Localidade (Macapá)
A = Faixa etária (1ª faixa etária)	B = Faixa etária (2ª faixa etária)
H = Sexo (Homem)	M = Sexo (Mulher)
F = Escolaridade (Fundamental)	F = Escolaridade (Fundamental)

Fonte: Sanches (2015, p.56).

b) após os dados devidamente arquivados, procedeu-se ao recorte dos áudios utilizando o *Soft Cool Edit Pro 2.1*. Delimitou-se que, para as questões fonético-fonológicas, fossem recortados dos inquéritos apenas os contextos imediatamente precedente e seguinte da resposta esperada; enquanto para as questões lexicais o recorte seria feito a partir do início da pergunta até o fim da conversa sobre cada item lexical;

c) com os recortes prontos, iniciaram-se as transcrições fonéticas, que foram feitas em tabelas, indicando o tipo de questionário, o ponto de inquérito, questões e os quatro informantes entrevistados. Para codificação dos símbolos fonéticos, empregou-se o Alfabeto Fonético Internacional – IPA, utilizando a fonte *Times New Roman 12*;

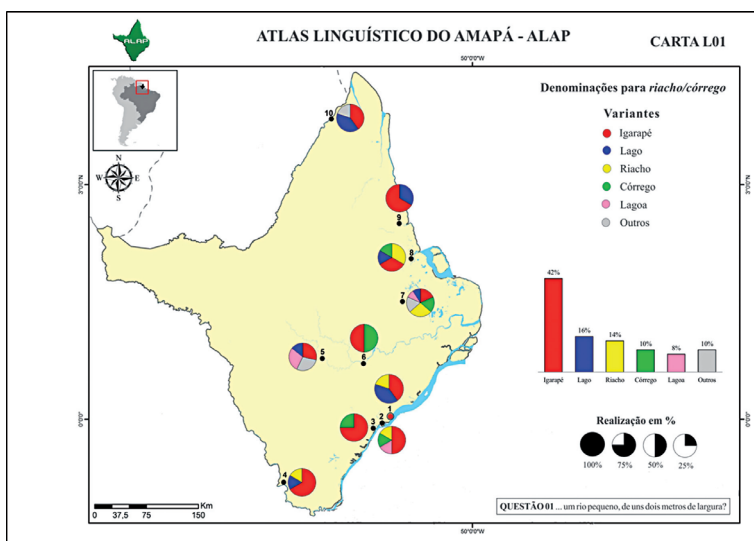
d) Após a revisão das transcrições e todas as cartas-base prontas, iniciou-se a elaboração das cartas linguísticas. Todas as cartas foram elaboradas a partir do *Soft CoreDRAWX5*.

Resultados preliminares

Para as primeiras análises, foram elaboradas algumas cartas linguísticas lexicais experimentais de cunho espacial, registrando as cinco variantes mais frequentes em todos os pontos pesquisados, sendo a primeira a predominante. As figuras 03 e 04 trazem uma pequena amostra dessas cartas, evidenciando, assim, os primeiros resultados encontrados. Ressalta-se que, por razões de economia, ilustra-se somente com duas cartas lexicais, uma vez que as fonéticas estão em fase de elaboração.

A figura 04, carta lexical L01, traz as respostas para a 1ª pergunta do QSL.

Figura 04 – Carta L01 – Item córrego/riacho



Fonte: Razky, Ribeiro e Sanches (2017, p.74).

A carta 01 (fig. 04) mostra que, do ponto de vista geográfico, *igarapé* é a variante predominante no Amapá, caracterizando assim o português falado nessa região, seguida de *lago*, *riacho*, *córrego*, *lagoa* e *outras: rio, grotta e enseada*. Ela foi mais frequente em quatro localidades do Estado: Santana (02), Mazagão (03), Laranjal do Jari (04) e Calçoene (09); ressalta-se que, na capital Macapá (01), predomina o uso de *lago* para essa designação. A tabela 03, em seguida, reflete esses resultados em termos percentuais, em que se confirma o uso e a frequência predominante no Amapá da variante *igarapé* na designação de um rio pequeno de uns dois metros de largura.

Tabela 03 – Frequência das variantes lexicais por localidade (*Córrego/Riacho*).

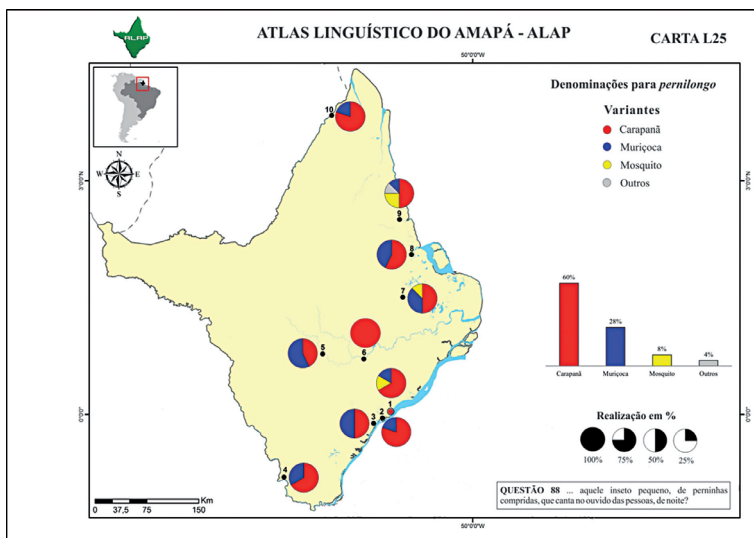
Localidades	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10
Variantes										
1. <i>Igarapé</i>	33%	49%	75%	57%	25%	50%	22%	67%	33%	40%
2. <i>Lago</i>	50%	-	-	14%	13%	-	-	33%	17%	40%
3. <i>Riacho</i>	17%	17%	-	29%	-	-	34%	-	33%	-
4. <i>Córrego</i>	-	17%	25%	-	-	50%	22%	-	17%	-
5. <i>Lagoa</i>	-	17%	-	-	25%	-	-	-	-	-
6. <i>Rio</i>	-	-	-	-	13%	-	11%	-	-	20%
7. <i>Grotta</i>	-	-	-	-	25%	-	-	-	-	-
8. <i>Enseada</i>	-	-	-	-	-	-	11%	-	-	-

Fonte: Sanches (2015, p. 60).

Vale ressaltar que a referida variante ocorre em todos os 10 pontos de inquérito do ALAP, sendo quase categórica em Mazagão (ponto 03) e menos frequente em Tartarugalzinho (ponto 07). É interessante observar que, na capital Macapá (ponto 01), a variante predominante no estudo aparece como a 2ª mais usada. Esses resultados revelam ainda que as cidades onde *igarapé* é predominante, pontos 02, 03 e 04, concentram-se na zona Sul do Estado, retratando, de certa forma, uma área dialetal, apesar de ser também bastante frequente no ponto 08, que se situa na zona Norte. Portanto as variantes *igarapé*, *lago* e *riacho* são as mais recorrentes no estado amapaense. As demais apresentaram uso muito reduzido, limitando-se a uma única vez por informante, como ocorreu com *grotta* e *enseada*.

A carta L25 (fig. 05) refere-se às respostas dadas à pergunta 88 do QSL, que buscou os nomes usados para o *inseto pequeno*, *de pernas compridas* e *que canta no ouvido das pessoas*.

Figura 05 – Carta L25 – Item pernillongo



Fonte: Razky, Ribeiro e Sanches (2017, p.122).

Conforme se verifica na carta L25, *carapanã* é mais frequente em quase todos os pontos, exceto no ponto 05, onde *muriçoca* prevalece, com 57% das ocorrências. Vale dizer que a variante *carapanã* ocorre em 100% no ponto 06 e a variante *mosquito* ocorre somente nos pontos 01, 07 e 09. Da tabela 04 constam essas ocorrências em termos estatísticos.

Tabela 04 – Frequência das variantes lexicais por localidade (*pernilongo*)

Localidades	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10
1. <i>Carapanã</i>	66%	80%	50%	67%	43%	100%	50%	57%	50%	80%
2. <i>Muriçoca</i>	17%	20%	37%	33%	57%	-	37%	43%	12%	20%
3. <i>Mosquito</i>	17%	-	-	-	-	-	13%	-	26%	-
4. <i>Maruim</i>	-	-	13%	-	-	-	-	-	-	-
5. <i>Pium</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	12%	-

Fonte: Sanches (2015, p.78).

Analisando os resultados acima, ratifica-se a predominância de *carapanã* em quase todos os pontos, exceto no ponto 05, onde *muriçoca* prevalece, com 57% das ocorrências. Merece destaque a ocorrência de *carapanã* no ponto 06, onde se realiza em 100%. Por outro lado, a variante *mosquito* ocorre somente nos pontos 01, 07 e 09, enquanto *maruim* aparece apenas no ponto 03 e *pium* no 09, estas últimas com uso reduzidíssimo.

Esses percentuais revelam ainda um aspecto interessante no que tange à localidade de Pedra Branca (05), na qual a variante mais frequente foi *muriçoca*. É provável que essa frequência esteja relacionada ao fato de esse Município possuir uma população bastante heterogênea e formada, sobretudo, por habitantes da Região Nordeste do Brasil, imigrantes que vieram para trabalhar nas mineradoras que se instalaram no local na década de 1990 e acabaram fixando-se em definitivo com suas famílias. Esse Município possui entre 8000 e 9000 habitantes, dos quais cerca de 40% correspondem a imigrantes nordestinos, 50% de nortistas e os 10% restantes de pessoas de outras Regiões do País. Com isso, é válido inferir que esses nordestinos tenham introduzido a referida variante que se propagou no local, uma vez que o termo *muriçoca* é predominante nessa região, conforme estudo de Costa e Isquierdo (2010) e não tem muita vitalidade no Estado amapaense, que se caracteriza pelo emprego de *carapanã*, como outros Estados do Norte do País, ainda segundo as autoras acima referidas.

Portanto, sobre as duas cartas aqui apresentadas, sob o aspecto geográfico local, as quais fazem parte do ALAP, é válido dizer que, entre os dois itens lexicais observados, *córrego* e *pernilongo* (sugestão de primeira resposta às perguntas 01 e 88 do QSL do ALiB), no Estado amapaense, não se registrou o uso para essas variantes, uma vez que nos dois casos predominam as variantes regionais, o que reflete a heterogeneidade dialetal no Estado, sobretudo no caso do item retratado na carta L01.

Caminhos percorridos, trilhas a percorrer

Este texto buscou mostrar um esboço de como o Projeto ALAP vem se desenvolvendo, uma vez que ainda está na fase de construção, organização e aprimoramento das cartas, trabalhando de forma a garantir um atlas coerente e adequado à realidade linguística do Estado. Vale dizer também que, nessa trajetória de cerca de cinco anos, foram muitas as dificuldades enfrentadas, principalmente de encontros entre os membros do grupo, visto que a maioria estava envolvida em outras atividades acadêmicas e institucionais, além da falta de um espaço adequado para as reuniões e treinamentos, ou seja, o Projeto tinha muita carência estrutural, pois não contava sequer com um espaço próprio para o desenvolvimento das atividades.

No entanto, apesar dos diversos obstáculos enfrentados, o Projeto ALAP segue em frente, não como a equipe planejou, mas prosseguindo. Por várias razões, entre elas, a carência de recursos financeiros, os inquéritos atrasaram significativamente e só começaram a ser realizados no final de 2012, quando o Projeto foi contemplado com recursos previstos no Edital 476225/2011-6/CNPq. Esse apoio financeiro subsidiou toda a coleta de dados nos 10 pontos de inquérito, além de ter possibilitado a compra de equipamentos e materiais que subsidiariam toda a pesquisa.

A contribuição da UNIFAP tem sido modesta, mas a Pró-Reitoria de Extensão e a Pró-Reitoria de Pesquisa, nos últimos anos, concederam apoio financeiro para que os membros do grupo participassem de eventos científicos pelo País, bolsa de iniciação

científica (PROBIC/UNIFAP) a um acadêmico da equipe e, por fim, em 2014 um espaço próprio ao grupo ALAP equipado com mesa, cadeiras e computador. No entanto, para nós da equipe, o importante de tudo isso estão sendo o aprendizado, as trocas de experiência, o conhecimento adquirido, o estímulo, a força de vontade de seguir em frente e chegar ao produto final. A previsão é que a confecção das cartas termine agora e, a partir disso, o próximo desafio será o de buscar recursos e suporte para a editoração e a publicação do tão esperado atlas.

Considerações finais

Como finalização, cabe ainda destacar que, embora a passos lentos, o projeto ALAP vem contribuindo significativamente para a difusão e a propagação do conhecimento científico, visto que desenvolveu em seus integrantes e acadêmicos do curso de Letras da UNIFAP, o interesse pela pesquisa variacionista, nos moldes da geossociolinguística, e, após a implantação do Projeto ALAP, o número de trabalhos de conclusão de curso – TCC e de artigos relacionados à área geossociolinguística aumentou consideravelmente dentro da Universidade. Vale lembrar que, antes do Projeto ALAP, não havia nada produzido nem publicado nessa área e, de 2010 aos dias atuais, a produção vem sendo bastante intensa.

Para ilustração desse avanço, constam do Relatório de Iniciação Científica três trabalhos de conclusão de curso, uma dissertação de mestrado e outra em andamento, um projeto de pesquisa para produção de tese, publicação de cinco artigos científicos em periódicos da área e dois em anais de eventos científicos (um nacional e outro internacional), todos evidenciando resultados parciais do Projeto, além de várias comunicações orais e pôsteres/*banners* apresentados em eventos por todo o País. Esses trabalhos focalizam aspectos fônicos e lexicais da língua portuguesa falada pelos amapaenses.

Acredita-se ainda que o ALAP dará um grande suporte para o ensino de língua na região, visto que as diferentes maneiras de falar do povo amapaense poderão ser trabalhadas em sala de aula sem preconceitos ou mitos, possibilitando ao aluno o conhecimento de sua realidade linguística. Portanto, pelo fato de nosso Projeto enfatizar os usos linguísticos do Estado amapaense, ele apresenta uma relevância social muito significativa, visto que apresentará para toda a comunidade que utiliza a língua portuguesa em suas interações diárias, um retrato fiel dessa língua, evidenciando as especificidades de usos no local. Cumpre dizer ainda que língua é forma de identificação tanto geográfica como social e através dos atlas ela concretiza a cultura de um povo, de uma comunidade e de uma nação.

RAZKY, A.; RIBEIRO, C.; SANCHES, R. The Linguistic Atlas of Amapá Project (ALAP): pathways and current stage. *Alfa*, São Paulo, v.61, n.2, p.303-317, 2017.

- *ABSTRACT: The field of dialectology, focusing on geolinguistic method has grown a lot in Brazil, and this is represented in all states of the federation and a very significant projection. In this context fits the Project Linguistic Atlas of Amapá (ALAP). The main objective of this article is to show the trajectory of ALAP Project and its first results. The Project adopted the geolinguistic method (CARDOSO, 2010) and was developed from three stages: 1) formation and training of members of the research group; 2) experimental investigations were carried out, training for phonetic transcription, the implementation of on-site research (application of questionnaires phonetic-phonological and lexical-semantic), with the location of 40 informants distributed in 10 points surveys; 3) review of phonetic transcriptions, the making of the letters and the mapping of the data recorded, with a view to systematization, organization and publication of results. Currently, the ALAP Project seeks financial support for publication, which will feature about 100 linguistic chart dealt in phonetics and lexical.*
- *KEYWORDS: Dialectology. Geolinguistic. Atlas. Amapá.*

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, R. F. **Migração no Amapá**: projeção espacial num contexto de crescimento populacional. Belém: NAEA, 2005.
- CARDOSO, S. et al. **Atlas linguístico do Brasil**. Londrina: EDUEL, 2014.
- CARDOSO, S. **Geolinguística**: tradição e modernidade. São Paulo: Parábola, 2010.
- COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. **Questionários 2001**. Londrina: EDUEL, 2001.
- COSTA, D.; ISQUERDO, A. N. Designações para “pernilongo” nas capitais brasileiras: um estudo geolinguístico e léxico-semântico. **Revista Travessias**, Cascavel, v. 04, n.3, p. 509-520, 2010.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA [IBGE]. **Amapá**. Estados@, 2016. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/estadosat/perfil.php?sigla=ap#>>. Acesso em: 30 jun. 2015.
- NUNES FILHO, E. Formação histórica, econômica, social, política e cultural do Amapá: descrição e análise do processo de formação histórica do Amapá. In: OLIVEIRA, A.; RODRIGUES, R. (Org.). **Amazônia, Amapá**: escritos de história. Belém: Paka-Tatu, 2009. p.211-234.
- RAZKY, A.; RIBEIRO, C. M. da R.; SANCHES, R. D. **Atlas linguístico do Amapá**. São Paulo: Labrador, 2017.
- SANCHES, R. **Variação lexical nos dados do projeto atlas geossociolinguístico do Amapá**. 2015. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2015.

Recebido em maio de 2016

Aprovado em fevereiro de 2017

